PAIXÃO PAGU: A DESCONSTRUÇÃO DO MITO DA *FEMME FATALE*

Karine Rocha[1]

RESUMO
O presente artigo tem por objeto analisar a vivência sexual de Patrícia Galvão em *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. Publicada em 2005, a obra é uma extensa carta que a escritora endereçou ao seu marido Geraldo Ferraz. O objetivo de Pagu era dizer quem ela realmente foi. Aqui nos focaremos apenas em alguns trechos da carta que apontam para a desconstrução de uma personalidade de *femme fatale*. Para tal leitura, articularemos teorias sobre a escrita autobiográfica com questões de gênero.
PALAVRAS-CHAVE: autobiografia, literatura brasileira, Pagu.

RESÚMEN
Nuestro objetivo es analizar la vivencia sexual de Patrícia Galvão en *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. Publicada em 2005, la obra es una larga carta que la escritora escribió a su marido Geraldo Ferraz. El objetivo de Pagu era decir quien ella fue realmente. Aquí vamos a focarnos solamente en algunos pasajes de la carta que apuntan a la descontrucción de una personalidad de *femme fatale*. Para esto, articularemos las teorías sobre escrituras autobiográficas con cuestiones de género.
PALABRAS-LLAVE: autobiografía, literatura brasileña, Pagu.

No ano de 1940, Patrícia Galvão, ou simplesmente Pagu, sente o impulso de escrever uma longa carta autobiográfica para o seu então marido, Geraldo Ferraz. A carta só virá a ser publicada no ano de 2005, com o nome *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. O relato nasce do desejo que a escritora e militante do Partido Comunista sentia de fazer-se entender pelo seu marido. Pagu não era uma mulher convencional. Andou pelos salões modernistas, visitou vanguardistas argentinos,

[1] Karine Rocha é professora adjunta do curso de Letras / Espanhol da UFPE. Doutora e Mestre em Teoria da Literatura pela mesma instituição, se dedica à pesquisa sobre literatura e gênero na América Latina. É coordenadora do Núcleo de Pesquisa Literatura, Mulher e Sociedade, além de membro do grupo Christina de Pizan, da UFPB.

largou o filho em prol de suas convicções políticas; convicções que lhe renderam várias prisões e uma vida clandestina. Suas escolhas de vida geraram mitos sobre sua personalidade. Pagu era vista como uma mulher sensual, talvez ingênua, com certeza inconsequente, a boneca do casal Tarsila e Oswald, a musa dos vanguardistas. Mais adiante é eternizada como um dos símbolos da liberação da mulher. A vida de Pagu despertou curiosidade e paixão em muitas pessoas, deixando para o público leitor um número considerável de biografias. A primeira dela foi *Pagu – Vida e Obra* (Augusto de Campos). Depois vieram Pagu*, livre na imaginação, no espaço e no tempo* (Lúcia Furlani), *Dos escombro de Pagu* (Tereza Freire), *Pagu – a luta de cada uma* (Lia Zats). Nosso interesse por sua carta autobiográfica se dá pela desconstrução do mito de uma mulher altamente erotizada. Através de seu relato, o leitor poderá saber quem era Pagu e o que ela pensava sobre a sexualidade.

Logo no início da sua autobiografia, Pagu afirma:

> Se eu tivesse a certeza de que não me custaria nada falar, eu não falaria. Escrever já é um desvio favorável ao esconderijo. No fundo, eu penso na defesa dos detalhes, porque sei que os detalhes justificarão em parte minha maneira de ser. Ou não. A minúcia será o castigo da minha covardia. Minha humilhação está na minúcia. (GALVÃO, 2005, p. 51, 52)

Mas por que falar de seu íntimo? Por que volver os olhos ao passado em busca de si mesma e se desnudar até a humilhação? De acordo com MIRAUX (2005, p. 33), o autobiógrafo é movido por uma tentativa de explicar-se, de entender como ele chegou a ser quem é no presente. Autobiografar significa buscar a sua origem, seus motivos. Isto fica bastante claro desde Rousseau, que já aí, no relato fundador do que hoje é considerado um gênero literário, vemos o percurso da autointerpretação. Para que tal empreitada ocorra, o escritor autobiográfico não se coloca sob nenhuma

pressão, tentando alcançar um nível puro de sinceridade, mostrando-se responsável por cada pensamento, cada gesto, cada silêncio que compôs a sua vida. E é revelando os pequenos detalhes da vida, tocando nos pontos mais dolorosos de uma existência que Pagu pretende ganhar a confiança do seu leitor, Geraldo Ferraz. Mais adiante, ela dirá:

> Por que dar tanta importância à minha vida? Mas, meu amor, eu a ponha em suas mãos. É só o que tenho intocado e puro. Aí tem você minhas taras, meus preconceitos de julgamento, o contagio e os micróbios. Seria bom se eu pudesse ter o poder de ver as coisas com simplicidade, mas a minha vocação *grandguignolesca* me fornece apenas a forma trágica de sondagem. É a única que permite o gosto amargo de novo. Sofra comigo. (GALVÃO, 2005, p. 52)

Pagu convida Geraldo para segurar a mão dela e caminhar juntos por suas memórias. Para completar a função do ato de se desnudar é preciso estabelecer o que Lejeune chama de pacto autobiográfico. Encontramos, então, autor e leitor assinando uma espécie de contrato, no qual o autor se compromete a ser sincero e se mostrar nas páginas memorialistas tal como ele é. Pagu queria apenas ser entendida, queria ser conhecida profundamente. O leitor, por seu lado, irá se comprometer a confirmar e entender este ato de sinceridade. Desta forma, estaria garantida a aceitação de que ali está narrado uma história não-ficcional. O leitor saberia identificar o que é ficção e autobiografia. Aqui nos esbarramos em uma questão: o que garante esta autenticidade? Como se estabelece uma relação binária entre autobiografia e ficção? O leitor, que não foi testemunha ocular da vida do autobiógrafo, saberia dizer o que é verdade ou mentira? É possível olharmos para trás e enxergarmos os fatos tais como eles ocorreram?

As lacunas do pretérito tentarão ser preenchidas pela imaginação. Assim, o autor e narrador irão se transformar em personagem, graças a confusão da memória. Das páginas tingidas pelas lembranças irá saltar uma identidade multifacetada, próxima a criação de um mito de si mesmo, como ressalta LIMA (1986, p.301). O autobiógrafo irá se colocar entre as fronteiras da história e da ficção. A parte histórica irá corresponder ao que de fato aconteceu. Já nos que diz respeito ao lado ficcional, poderemos afirmar que não é um espaço de mentiras, mas de vivência. Dentro do que aconteceu estará presente o que o narrador sentiu, a sua interpretação dos fatos em uma perspectiva distanciada. Costa Lima nos dá a entender que o teor de ficção vem de nossa leitura de mundo, nem sempre correspondente à verdade, ou melhor, à realidade. Isto ocorre porque a escritura estará sempre entrelaçada com um eu atual, elemento que pode ser uma barreira ao resgate do passado. O autobiógrafo se revela como personagem porque o que o autor consegue captar é uma imagem próxima do que ele foi.

O passado autobiográfico não é algo confeccionado, uma completa verdade ou mentira, mas algo que se transforma em desconhecido. A nossa memória e o distanciamento temporal tornam as vivências pretéritas em algo nebuloso e algumas vezes difícil de ser captado. Muitas vezes quando olhamos para trás encontramos uma parte de nossa vida cheia de lacunas. RUIZ-VARGAS (apud AMÍCOLA, 2000, p. 35) afirma que a autobiografia é formada de memórias episódicas. Esta por sua vez é marcada por um tempo subjetivo, devido a fatores puramente biológicos. De acordo com Ruiz-Vargas nossas recordações são mais lúcidas no que diz respeito ao período entre quinze e vinte e quatro anos, tornando-se, portanto, rico para a escrita autobiográfica. Por outro lado, somos tomados por uma espécie de amnésia da infância. Este período corresponde aos três primeiros anos de vida. Isto acontece porque nos nossos primeiros anos não temos um esquema, e quiçá consciência, de nós mesmos. Acrescente a isso, uma falta de capacidade narrativa, anulando a tomada

de corpo de nossas experiências. Para o estudioso, as nossas lacunas memorialísticas transformam a autobiografia em um amontoado de lembranças, que são condensadas, invertidas, deslocadas.

Coincidentemente ou não, Pagu escolhe os seus primeiros anos como adolescente para iniciar seu processo de autointerpretação. Antes de mergulhar em sua vida, a confissão é de que tudo é confuso e as palavras escapam, não são suficientes para falar de seus sentimentos. A expressão utilizada por Patrícia Galvão sobre seu passado remoto é *nebulosa*. Tal nebulosidade é produto do distanciamento temporal que torna o relato difícil de ser fidedigno ao passado. Nossa memória é fragmentada, mas marcada por determinados episódios que podem explicar quem somos hoje. Pagu revela:

> O primeiro fato distintamente consciente da minha vida foi a entrega do meu corpo. Eu tinha doze anos incompletos. Sabia que realizava qualquer coisa importante contra todos os princípios, contrariando a ética conhecida e estabelecida. (...) Não havia falta de compreensão do ambiente. Isso só depois comecei a sentir. Toda a minha vida. Naquele tempo eu é que não compreendia o ambiente. Eu me lembro que me considerava muito boa e me consideravam muito ruim. (...) Eu nunca consegui perceber minha perversidade. Tinham me feito assim e jogado em paredes estranhas. Andava então sozinha. (GALVÃO, 2005, p. 53)

No trecho acima transcrito podemos perceber que a linguagem "objetiva" não encontra as portas totalmente abertas na escritura memorialista. Frequentemente o autor irá se deparar com uma criação subjetiva, isto porque, ao investigar o passado, ele irá encontrar um emaranhado de fatos dos quais irá resgatar apenas aquilo que lhe parece essencial. A confissão de Pagu sobre o momento que perde a virgindade é o início da desconstrução do mito de que era uma mulher entregue ao erotismo. Uma

possível conclusão que o leitor pode dar a esta passagem é de a autora se deixar arrastar pela imagem que os outros dela construíram. Quando sua carta já está bem avançada, Pagu afirma que sempre a enxergaram assim e ela deixou que assim fosse. Ela era alguém bom, mas sempre rotulada pelos outros de perversa e libidinosa. Ao longo de todo o seu relato, ouvimos a queixa de que enxergavam em seu corpo uma sensualidade que não lhe correspondia. Pagu entregou o seu corpo, pela primeira vez, à um homem casado. Afirma que não houve amor no ato, tampouco houve prazer. Seu ato de rebeldia lhe custou o isolamento na escola e na vizinhança.

Pagu era filha de uma família burguesa paulista, regrada por todos os limites que a moral e os bons costumes podiam proporcionar. A sociedade na qual a adolescente Pagu viveu, embora tenha ganho em termos tecnológicos e até sociais, não avançou muito no que diz respeito à sexualidade. O mundo que viu Pagu crescer pregava que o casamento deveria ser eterno e a sexualidade da mulher regrada. Em *A História do Amor no Brasil*, DEL PRIORE (2011, p.2014) nos lembra que o Código Civil de 1916 mantinha a indissolubilidade do casamento, sendo a mulher incapaz de exercer tarefas fora do lar. Este era um espaço de proteção contra as agressões do mundo exterior e fortaleza que protegia a "honestidade sexual" da mulher.

O sexo só era admitido depois do matrimônio e para ser praticado com comedimento. DEL PRIORE (2011, p. 256) ressalta que a palavra sexo era proibida de ser pronunciada por bocas femininas. O desejo ainda carregava o peso da culpa. A imagem deveria ser de uma mulher casta, passiva e recatada. Pagu afirma saber que ao se relacionar com um homem casado estaria quebrando todas as regras estabelecidas. Ajudou a macular o que era considerado sagrado. Recusou a imagem de boa moça, já que por algum motivo desconhecido não a via assim. Concluiu a sua história com um aborto, pois o seu amante foi morar nos EUA com a esposa. Neste momento, Pagu afirma que conheceu o que marcaria a sua vida íntima, a aversão ao sexo:

> Minha primeira paixão. Minhas primeiras lágrimas. As primeiras humilhações. Porque com o amor veio o gosto amargo da repulsa pelo sexo. A aversão pela cópula. Mas havia a satisfação da dádiva. Aos 14 anos, estava grávida. (GALVÃO, 2005, p. 54)

A repulsa pelo sexo, no entanto, não se dá por questões de repressão da época, obviamente. Em nenhum momento de sua confissão revela sentir culpa em sua vida sexual. A repulsa pelo sexo pode se dar por sentir o peso de se ver reduzida apenas ao seu corpo. "Mulher de ferro com zonas erógenas" (GALVÃO, 2005, p.70), era assim como os outros a enxergavam. Sua presença nos salões literários era marcada pela atração que exercia nos homens. Sua militância foi marcada por vários episódios que ressaltavam a importância do seu corpo na luta, além da cobiça de alguns companheiros de ideal. Um dos episódios mais marcantes aconteceu em uma conversa com CM11 sobre uma missão para o Partido Comunista. A missão era seduzir um homem chamado Ademar. Ao protestar afirmando não ser prostituta, Pagu ouve a seguinte afirmação:

> "-Não se exige isto das mulheres revolucionárias. Exige-se de você, que é uma mulher excepcional. E não é só isto. Precisamos também de uma lista que está nas mãos do chefe de polícia. Você poderá obter isto com Rodolfo. Claro que, com os mesmos meios, você conseguirá". (GALVÃO, 2005, p. 126)

O diálogo segue com a seguinte afirmação de Pagu:

> "-Não. Eu nunca farei nada disso. Estão todos enganados comigo. Naturalmente, vocês vão atrás dos boatos que correm a meu respeito no mundo burguês. Pensam que uma aventura a mais ou a menos para mim não tem importância nenhuma. Uma mulher de pernas abertas: é o que vocês pensam. " (GALVÃO, 2005, p. 127)

Já sabemos que muito cedo Pagu rompeu as regras cerceadoras das famílias burguesas. O seu comportamento, no entanto, não era inédito. Relações sexuais antes do matrimônio era algo que a "nova mulher" praticava. Pelo Brasil nomes como o de Ercília Nogueira Cobra, influenciada pelo surgimento do movimento feminista na década de 1850, pregavam que a virgindade feminina era inútil. Os anarquistas recriminavam a valorização burguesa da pureza feminina. Homens e mulheres nasceram para gozar em parceria. No entanto, a moral burguesa prevalecia. E ela dizia que a mulher que se rebelou contra o sistema, deve ser colocada no grupo das prostitutas. Pagu foi uma delas.

Em *Tiempo de Feminismo*, AMORÓS (1997, p. 32) afirma que o corpo da mulher ganhou, ao longo dos séculos, um significado adicional, tanto para remediar conflitos, como para humilhar e criar mensagens para outros homens. O corpo mitificado de Pagu era interpretado como um corpo que poderia ser violado. A excepcionalidade de Pagu consistia em ter um corpo maculado, perfeito para ser utilizado em estratégias políticas. Um corpo feminino maculado para os seus colegas revolucionários, na prática, não significada nada. O preconceito burguês, desta forma, se infiltrava entre os comunistas.

Pagu, depois de vários tipos de violência cometida pelos companheiros, ganha a confiança para embarcar em uma missão no exterior. De sua estadia nos Estados Unidos revela:

> Depois, ainda perseguições sexuais, prevalecendo em número qualquer outro assunto. (...). Como dão importância em toda parte à vida sexual. Parece que no mundo há mais sexo que homens.... Aliás, há tanta puerilidade, tanta mediocridade dentro

> do assunto, quero dizer, o modo como é encarado o assunto pela humanidade, que quase é eliminada a indignação. Eu sempre fui vista como um sexo. (...) Se fosse homem, talvez pudesse andar mais tranquila pelas ruas. (GALVÃO, 2005, p.139)

As investidas sexuais a acompanharam por toda a viagem que a levaria até a Rússia. Na passagem acima Pagu revela seu principal problema com o sexo: os outros. A forma obsessiva como o sexo é encarado pelo mundo ocidental acaba por tirar seu caráter natural. Repressão, especulação, poder seriam palavras que envolveriam a aura do sexo. A forma como Pagu se queixa do trato que a sociedade lhe dar devido a sua condição de mulher pode ser explicada através das teorias de Foucault que relacionam o sexo ao poder.

> (...) um controle, uma vigilância, uma objetivação da sexualidade com uma perseguição dos corpos. Mas a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo (...). (FOUCAULT, 2007, p.142, 143)

O controle do sexo é algo que percorre vários séculos da história do ocidente e acabará por determinar os modos de vida dos indivíduos. De acordo com FOUCAULT (2007, p.127), os séculos XVII e XVIII representam um momento de repressão da sexualidade, trazendo consigo pudores de linguagem, preservação do corpo e valorização das práticas sexuais exclusivamente no espaço matrimonial. Essa repressão, diz Foucault, pode ser vista como um reflexo da era das penitências e do ascetismo medieval, quando os religiosos passam a rejeitar o corpo. Para a Igreja Medieval, a maneira natural como o sexo era encarado entre a população carente seria

Uma blasfêmia contra Deus.

Incomodada com essa situação, no século XIV a Igreja decide tomar uma atitude drástica para controlar a sexualidade feminina. Inicia-se o período de caça às bruxas, guiado por manuais de Inquisição como o *Fornicarius* e o *Malleus Maleficarum*. Para justificar o maior número de mulheres entre os hereges, a Igreja afirma que o sexo feminino era imperfeito por ter sido criado a partir da costela de Adão. Sendo a costela um elemento curvo, a mulher se entregaria mais fácil às seduções diabólicas e prazeres carnais. A curvatura da costela também definiu a natureza feminina: malévola, caprichosa, luxuriosa e vingativa. Consideradas bruxas, essas mulheres tinham o poder de enfeitiçar os homens, despertar neles o desejo carnal, induzi-los a paixões desenfreadas, porque tinham copulado com o demônio. Este as ensinou todas as artimanhas necessárias para enlouquecer o homem.

As bruxas eram identificadas entre aquelas mulheres que exerciam sua sexualidade livremente, conseguiam sentir prazer sexual e despertar a libido de alguns membros do clero. Através da manipulação do Antigo Testamento, das práticas de torturas e das fogueiras, os inquisidores começaram a infiltrar na mente feminina a ideia de que elas carregavam em si o gérmen de todos os pecados do mundo. Politicamente bem estruturada, a ordem religiosa começa a transformar as mulheres em figuras perturbadas com sua sexualidade.

Outro agravante na relação mulher/sexualidade dá-se no século XVIII, com a criação de uma tecnologia do sexo pela sociedade burguesa. Para FOUCAULT (2007, p.132), os burgueses, através da pedagogia, medicina e economia transformaram o corpo num objeto de constante vigilância. A figura da mulher

foi a primeira a sofrer com tal procedimento. Tida como elemento frágil, a sexualidade feminina começa a ser vítima de receitas medicinais diversas que iriam preservar o seu corpo para que dele saísse uma prole saudável. Dessa preservação surge uma mulher afetada pela histeria e que tanto fora estudada pela psicanálise. Qualquer elemento do sexo feminino estaria predestinado a garantir a saúde de sua família e consequentemente de toda uma nação:

> O "destino anatômico" do homem é, pois, profundamente diferente do da mulher. Não o é menos a situação moral e social. A civilização patriarcal votou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento: para ela o ato carnal, em não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se "cede", se "cai", suscita o desprezo; ao passo que até na censura que se inflige ao seu vencedor há admiração. (BEAUVOIR: 1967, p.112)

Em o *Segundo Sexo* encontramos também as dificuldades encontradas pelas mulheres, das primeiras décadas do século XX, consideradas independentes para usufruir de sua sexualidade. Mesmo ganhando o suficiente para se manterem, viverem sozinhas e serem intelectualizadas, essas mulheres não se sentiam confortáveis o bastante para terem uma vida sexual plena. Para BEAUVOIR (1967: 456, 457), a questão acaba por ir mais além de satisfazer apenas seus desejos e atinge a manutenção de sua dignidade como ser humano. No final da década de 1940, mulheres liberadas sexualmente corriam risco de perder seu emprego, de sofrerem agressão física e de serem ridicularizadas caso decidissem tomar a iniciativa dentro de qualquer relacionamento. Recusar-se a submissão sexual era, em muitos casos, transformar-se em algo inútil, alguém que havia perdido a essência de sua feminilidade.

Pagu se recusou a submissão sexual na década de 1920. Na década de 1930, era uma mulher que cruzava o mundo sozinha.

Paixão Pagu é uma tentativa de enfatizar os bastidores de uma vida que tanto chamou a atenção do público, seja o contemporâneo da autora seja o posterior. É certo que as quase cem páginas escritas por Patrícia Galvão não foram suficientes para abarcar todas as complexidades e peculiaridades de uma existência. É certo também que o ato de se entregar por inteiro às memórias de menos de trintas anos de uma vida intensa nos ajuda a compreender Pagu. Para o público de hoje já não cabe mais vesti-la como uma *femme fatale*. Símbolo da luta feminista, da luta pelo fim da desigualdade social, Pagu mostrou ao mundo que a vida poderia ser mais simples se despida de preconceitos. O sexo poderia ser prazeroso sem a repressão do ocidente. Através do seu relato, vemos não uma devassa, mas alguém que simplesmente colocou o sexo como um mero aspecto da vida.

REFERÊNCIAS

AMÍCOLA, José. Autobiografía como autofiguración. **Estrategias discursivas del yo y cuestiones del género.** Buenos Aires: Beatriz Viterbo Editora, 2000.

AMORÓS, C. **Tiempos de Feminismo**. Madrid: Cátedra, 1997.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. **A Experiência vivida**. São Paulo: Europeia do Livro, 1967.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

FEMINÍAS, María Luisa. Cuerpo, poder y violencia. Algunas Intersecciones. In **Leituras de resistência. Corpo, violência e poder**. V. I. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **História da sexualidade**. Vol.1. São Paulo: Graal,2007.

GALVÃO, PATRÍCIA. **Paixão Pagu. A autobiografia precoce de Patrícia Galvão**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2005.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985

MIRAUX, Jean-Philippe. **La autobiografía. Las escrituras del yo**. Buenos Aires: Nueva Visión Argentina, 2005.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

ROCHA, Karine. Paixão Pagu: A desconstrução do mito da Femme Fatale. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana: Gepiadde, v. 21, mai./ago., p. 105-117, 2016.

Recebido: 30.08.2016 – **Aprovado:** 20.11.2016